



ARTIGO RESENHA DE LIVRO

MULHERES NA LUTA: 150 ANOS EM BUSCA DE LIBERDADE, IGUALDADE E SORORIDADE
WOMEN IN BATTLE: 150 YEARS IN SEARCH OF FREEDOM, EQUALITY AND SORORITY

MUJERES EN LA LUCHA: 150 AÑOS EN BÚSQUEDA DE LIBERTAD, IGUALDAD Y SORORIDAD Ana Luiza Amancio de Farias¹, Caroline Gomes Chibante², Carla Oliveira Shubert³, Cristiane Vanessa da Silva⁴, Rozânia Bicego Xavier⁵, Paulo Alexandre de Souza São-Bento⁶

^{1,2,4,5,6}Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. ¹<https://orcid.org/0000-0002-1754-4044> ²<http://orcid.org/0000-0002-2878-7197> ³<http://orcid.org/0000-0002-6175-6392> ⁴<http://orcid.org/0000-0003-3435-8038> ⁵<http://orcid.org/0000-0002-1598-3340> ⁶<http://orcid.org/0000-0002-3406-3160> ³Secretaria Municipal de Saúde/SMS. Duque de Caxias (RJ), Brasil.

Como citar este artigo

Farias ALA de, Chibante CG, Shubert CO, Silva CV da, Xavier RB, São-Bento PAS. Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade. Rev Enferm UFPE on line. 2020;14:e243043 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243043>

Resenha-se o livro *Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade* (título original: KVINNER I KAMP: 150 ÅRS KAMP FOR FRIHET, LIKHET, SØSTERSKAP!), traduzido do norueguês por Kristin Lie Garrubo e publicado no Brasil, no ano de 2019, pela Editora SCHWARCZ S.A, após acordo com Nordik Literary Agency, França. Propõe-se, no *hardbook*, com 128 páginas, sob a égide da ludicidade, abordar um século e meio da história de luta das mulheres acerca de liberdade, igualdade e sororidade.

Apresentam-se as autoras Marta Breen e Jenny Jordahl: a primeira, nascida na Noruega, no ano de 1976, é escritora, jornalista, além de ser referência de feminismo em seu país; é autora de não ficção com várias publicações, como o livro *60 mulheres que você deveria conhecer* e *Aquela palavra que começa com F*, ganhando um prêmio do Ministério da Cultura de Noruega juntamente com a segunda autora, blogueira, *designer* e cartunista, nascida em 1989, que tem um *blog* de tirinhas chamado *A vida entre os Animais*.

Revisou-se a obra na perspectiva de uma resenha descritiva. Revela-se que ela traz, como objetivo, mostrar a história das mulheres de uma forma lúdica, por meio de ilustrações em quadrinhos, e as lutas enfrentadas por igualdade de direitos, quando em comparação aos homens, em sociedades patriarcais. Informa-se que o público-alvo é toda e qualquer pessoa interessada em conhecer a trajetória das mulheres no mundo e no Brasil.

Descreveu-se a obra, apresentada em sua primeira edição, partindo da compreensão de que o tema se insere no âmbito das discussões de gênero, pauta sólida para os estudos de Enfermagem, especialmente, do campo da saúde das mulheres. Acrescenta-se que a ideia germinal para essa resenha nasceu no interior de uma disciplina de um curso de Residência em Enfermagem Obstétrica, de um Instituto Federal

no Rio de Janeiro, inclusive, por ser a história da Enfermagem uma história que, *per se*, é de luta de mulheres.

Nota-se que o *hardbook* possui qualidade inegável de impressão e originalidade em apresentar o tema/conteúdo acionando o formato das histórias em quadrinhos, portanto, não possui estrutura capitular, tampouco obedece a uma ordem cronológica dos fatos abordados. Identificasse, dessa forma, no livro, um texto organizado pelos seguintes eixos: introdução; a primeira convenção; a luta das mulheres contra a escravidão; as três principais lutas do movimento feminista (explorando o direito à educação, de exercer uma profissão e ganhar o próprio dinheiro; o direito de votar em eleições políticas e o direito de decidir sobre o próprio corpo); a mártir iraniana; a chegada das socialistas; a luta pelo próprio corpo; segunda e terceira ondas do movimento feminista; amor livre; qual de vocês é a Malala?; uma síntese do livro e brasileiras na luta. Obedece-se, por esta resenha, à ordem anacrônica do livro, apresentando-o nos parágrafos que seguem.

Inauguram-se as páginas da obra a partir do século XIX com a notável diferença sobre o modo de viver de homens e mulheres: com mulheres - impossibilitadas de exercerem direitos cívicos e homens - senhores soberanos nas figuras de pai e marido. Tomam-se, de partida, o ano de 1840, na Inglaterra, e a realização de um congresso contra a escravidão. Detalha-se que algumas mulheres estadunidenses foram participar, porém, os homens não permitiram o posicionamento delas nas reuniões, sendo obrigadas a ficar atrás de uma divisória e obrigadas a, apenas, ouvir. Pontua-se que Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton foram as responsáveis pelo despertar desta desigualdade vivenciada, levando Stanton a escrever um manifesto baseado na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América

(EUA), de 1776. Apresentou-se, em 1948, a então recém-escrita declaração em Seneca Falls - Nova Iorque -, sendo assinada por cerca de cem pessoas — homens e mulheres —, tornando o evento a primeira convenção do movimento feminista.

Prossegue-se, nos quadrinhos, com o eixo sobre *A luta das mulheres contra a escravidão*. Explica-se que o primeiro nome a surgir é o de Harriet Tubman, nascida escrava nos EUA, alvo de inúmeras formas de violência; foram 27 anos nesta condição até que ela fugiu para a Filadélfia, um Estado onde a escravidão era proibida. Conta-se que seu ímpeto não se aquietou no contentamento de sua própria liberdade e, portanto, ajudou outros escravizados a partir de planos de fuga realizados à noite, em segredo, e centenas foram libertados pelas ações de Tubman, que chegou a ter sua cabeça posta como recompensa - na alcunha de “Moisés Negra” (referência a uma figura bíblica masculina) - algo que ninguém alcançou.

Publica-se, em 1852, a obra *A cabana do Pai Tomás*, escrita por Harriet Beecher Stowe, que aborda a questão escravagista, livro que teve enorme repercussão nos EUA, sendo o segundo mais vendido, depois da Bíblia. Travou-se, em 1861, por Abraham Lincoln, eleito presidente do país, uma guerra contra a escravidão, tendo, posteriormente, a oportunidade de conhecer a autora da aclamada publicação. Narra-se que, com o fim da guerra civil, homens negros passaram a ter o direito de votar, contudo, as mulheres permaneceram excluídas da política, o que é um contrassenso posto, isto é, que é um livro escrito por uma mulher de cunho político e com repercussões significativas, mas não espelhadas para as mulheres em si.

Retorna-se ao nome de Stanton para se abordar a questão do sufrágio feminino quando da criação da primeira associação americana em defesa do voto feminino, em 1869. Relata-se que Tubman também participou da iniciativa, surgindo um novo nome - da professora Susan B. Anthony. Conta-se que, diante da impossibilidade do exercício de direitos em sociedade compartilhada por negros e mulheres, houve convergência de ideais entre o movimento abolicionista e o sufragista e, concomitantemente, a ex-escravizada Sojourner Truth, reconhecida na luta feminista, foi a primeira mulher negra a ganhar uma causa judicial contra um homem branco. Fez-se, aos 70 anos, um famoso discurso em uma convenção feminista, alertando que a conquista dos direitos pelos homens negros foi fundamental, mas nada era falado em relação às mulheres negras. Exploram-se, assim, pelo *hardbook*, nesta resenha apresentada, suas primeiras páginas a partir destas duas pautas de interesses imantados - os movimentos negro e feminista.

Tornaram-se, na perspectiva das autoras, as principais lutas do movimento feminista: o direito à educação; o exercício de uma profissão e a autonomia financeira; o direito de votar em eleições políticas e o direito de decidir sobre o próprio corpo. Emerge-se, nesta perspectiva, a questão sobre os “atributos cognitivos” e a (in) capacidade deste exercício pelas mulheres e, neste caminho, as autoras continuam a narrativa literária pela assertiva de que, no século XIX, os homens não consideravam as mulheres como seres pensantes, capazes de ter raciocínio lógico. Utilizavam-se a biologia e a religião como pressuposto para alegar que o pensamento proveniente de mulheres era antinatural, mas, com o surgimento do Iluminismo, houve uma quebra de paradigmas. Alcançaram-se, pela ciência, progressos/notoriedade nas sociedades e a igreja retrocedeu no plano de alguns argumentos, quando em comparação com a filosofia. Destaca-se que, neste segmento, Jean-Jacques Rousseau foi um dos pensadores mais influentes e, no concernente às mulheres, o filósofo defendia que a elas cabiam os papéis de subserviência e, também, nesta linha, seguiram Kant e Hegel, defendendo a inferioridade da mulher.

Contrapuseram-se a esse movimento duas mulheres e pensadoras: Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft. Escreveu-se, pela primeira, uma espécie de constituição alternativa na França, após a Revolução Francesa e, por seus questionamentos incisivos, ela foi condenada a subir no cadafalso, sendo guilhotinada. Continuou-se a luta pela segunda, dentre elas, a da educação das mulheres: a partir do final do século XIX, várias organizações voltaram-se para o acesso à educação formal e inserção no mercado de trabalho. Lembra-se que outra pressão que ganhou relevo foi a questão do voto feminino, surgindo, assim, duas fortes personagens históricas: Millicent Fawcett, fundadora da associação nacional pelo direito do voto da mulher, e Emmeline Pankhurst, uma dona de casa de personalidade forte.

Sabe-se que Fawcett lutou pelo sufrágio feminino na Inglaterra por meio do discurso enquanto instrumento, mas foi desacreditada repetida vezes. Avolumou-se a indignação até que Pankhurst criou uma associação que ficou conhecida como o Movimento das Sufragistas, que propunha mais ação do que discurso. Salienta-se que não somente as mulheres que dispunham de tempo participaram, mas também professoras, enfermeiras e operárias formaram o movimento. Organizaram-se as manifestações voltadas para causar impacto na sociedade da época. Demarcou-se a luta por bombardeios, incêndios, prisões, greve de fome (e alimentação forçada), espancamentos e mortes. Conquistou-se o voto feminino, de fato, após os esforços das mulheres

durante a primeira guerra mundial - com restrições em 1918 e plenamente em 1928.

Assenta-se, na obra, que a primeira mártir retratada na história é uma poetisa iraniana chamada Táhiri (nascida entre 1814/1817 e falecida em 1852). Sabe-se que, de família “respeitada”, a menina assistia, escondida, às aulas ministradas por seu pai. Demarcou-se sua história por um casamento “forçado”, uma conversão para a religião do Babismo (que apregoava a igualdade entre os sexos) e, por conseguinte, seu esposo exigiu o divórcio e a proibiu de ver seus três filhos. Passou-se, então, a pregar publicamente sobre a igualdade entre os sexos e, com isso, ela sofreu apedrejamento e prisão domiciliar por atos correlatos, sendo, por fim, condenada à morte por meio do estrangulamento com seu próprio véu.

Mobilizou-se a frente de lutas com a inserção das operárias no movimento feminista, marco demarcado pelas mulheres socialistas e sua entrada no mercado de trabalho. Remonta-se o medo dos homens em perder sua soberania neste espaço a estes idos e, frente a isso, não foi por menos que sofreram: exclusão do convívio social; assédio e violência sexual; salários diferenciados e demissões de mulheres casadas (portanto, “sustentadas”). Realizou-se, em 1910, a primeira Conferência Internacional de Mulheres Socialistas a partir da ideia de que a luta feminista fazia parte da luta de classes. Ergue-se Clara Zetkin na defesa da união entre trabalhadores, alegando que a mulher sofria dupla opressão - dos empregadores e dos homens em geral. Defendeu-se, por ela, a criação de um dia internacional da mulher com foco na luta permanente por direitos e, com a amiga Rosa Luxemburgo, foi contra a Primeira Guerra Mundial e fundou o Movimento Comunista pela Paz. Fuzilou-se Rosa Luxemburgo junto com seu companheiro de lutas - Karl Liebknecht - e Clara Zetkin permaneceu lutando pela paz até a sua morte, aos 76 anos.

Ilumina-se a trajetória de uma enfermeira no eixo “A luta pelo próprio corpo” e sua incansável luta por métodos contraceptivos - Margaret Sanger. Demarcou-se uma vida pela inventividade e criatividade pensadas para ajudar mulheres a não morrerem, como foi o caso de sua mãe e de tantas outras mulheres de quem cuidou ao longo de sua existência. Criou-se, por ela, a ducha vaginal, passando a ensinar sobre métodos contraceptivos, além de distribuir seu panfleto “A mulher rebelde”. Acusou-se Sanger por distribuição de material obsceno e, então, ela fugiu para a Europa, conhecendo, em 1915, o diafragma, na Holanda, onde teve a ideia de contrabandear ilegalmente tal dispositivo, fundando uma clínica de planejamento familiar com sua irmã nos EUA. Salienta-se que, juntas, elas conseguiram fornecer 488 diafragmas antes

de serem presas e terem a clínica fechada. Aponta-se que, diante da afeição por seu ideal, autoridades cederam e foi permitido, aos médicos, dar orientações sobre contraceptivos. Recrutou-se, pela enfermeira, após idealizar a pílula hormonal, no início da década de 1950, Gregory Pincus para desenvolvê-la, aprovando-a para uso em 1960, em uma ruptura paradigmática acerca do sexo e sexualidade, que passaram a ser mais associados ao prazer do que à concepção.

Proibia-se, em boa parte do século XX, o aborto em muitos países, independentemente das circunstâncias; assim, em atos de desespero, muitas mulheres praticavam o aborto por meio de diversas, e esdrúxulas, formas: com agulhas de tricô; clínicas clandestinas; curandeiras ou até mesmo por “quedas acidentais”. Obrigou-se, em 1973, após a história de vida de Norma McCorvey, pelo Supremo Tribunal dos EUA, todos os Estados americanos a permitir o aborto, e tal decisão levou a uma grande revolta populacional, dividindo o povo em movimentos contra ou a favor da nova lei instaurada, causando grandes confusões pelo país. Tentou-se, na Europa, por vários países, restringir o aborto, e o livro conclui este eixo como “a batalha continua”, em alusão de que a dicotomia permanece.

Aborda-se, na obra, a divisão da história do feminismo em ondas, sendo a primeira centrada na luta pelo direito ao voto; a segunda onda é demarcada pelos movimentos feministas das décadas de 1960 e 1970 e o surgimento da terceira onda, em 1990, ancora-se na diversidade e nas liberdades individuais.

Destaca-se, considerando a perspectiva histórica, que, em 1960, Sirimavo Bandaranaike se tornou a primeira-ministra do Sri Lanka; em 1966, foi a vez de Indira Gandhi, na Índia, e, em 1969, Golda Meir, em Israel. Evidencia-se que outros nomes vieram, mas, menos de 10% das nações do mundo são lideradas por uma mulher. Tornou-se, na década de 1970, a imagem do punho cerrado no interior do “espelho de Vênus” o símbolo da luta feminista na época. Declarou-se, em 1973, em uma grande conferência na Cidade do México, com 133 países, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano internacional da mulher, e muitos ganhos advieram: educação (incluindo o acesso ao Ensino Superior); proibição, em muitos países, de demissões por motivo de gravidez; direito a creches e à licença maternidade; o mercado de trabalho, etc.

Dedica-se uma parte da obra ao eixo “amor livre”, abordando a questão da não heterossexualidade normativa. Trata-se da poetisa Safo e de sua história na ilha de Lesbos para contrastar, oportunamente, que, até neste quesito, a homossexualidade masculina tinha relevo histórico, como se mulheres não fossem capazes de amar outras mulheres. Pontua-se, pelo

livro, que, durante séculos, toda forma de amor que fugia do “convencional” era massacrada, discriminada e proibida por lei em diversos países, sendo considerada até mesmo como transtorno mental, fazendo com que todas as pessoas que fugiam dos padrões sociais tivessem que esconder seus sentimentos, pois, caso fossem descobertas, eram trancadas em hospícios, exorcizadas ou simplesmente encorajadas a viver sem amor e sexo, além de outras atrocidades.

Continua-se, neste eixo, pela discussão da chegada do Nazismo. Ocorreu-se uma verdadeira chacina, com mais de um milhão de *gays* alemães mortos, e as mulheres lésbicas ganhavam outro destino que não a morte em campo de concentração: eram forçadas a casar e viver como “heterossexuais”. Descreve-se que, após a segunda guerra, homossexuais de diversas nacionalidades começaram a se mobilizar na luta por seus direitos, e um marco - portanto, emblemático - foi o confronto entre a comunidade *gay* e a polícia após uma batida em um clube *gay* - *The Stonewall Inn* -, dando início ao Movimento do Orgulho Gay. Avançou-se e conquistou-se muito, mas a obra alerta que essa é uma luta contínua e em construção, haja vista que, em 70 países, é proibido ser homossexual e, em sete deles, pode levar à morte enquanto pena imputada pelo Estado.

Critica-se a ascensão do fanatismo religioso em muitos países como um catalisador potente do retrocesso na luta pelas igualdades conquistadas. Levanta-se, neste ponto, para bem ilustrar, a história de Malala Yousafzai, nascida ao norte do Paquistão, em 1997. Ensinou-se sempre Malala a lutar contra a injustiça e ela viu sua realidade sendo totalmente modificada com a invasão do Talibã e, sendo proibida de estudar na sua terra natal, começou a escrever sobre a sua insatisfação em um *blog* na internet. Publicou-se seu diário no site da *British Broadcasting Corporation* e ela começou a ser ameaça de morte por sua revolta contra o regime, até que, em 2012, voltando de uma escola - fora da área de sua vila - para sua casa, teve sua condução invadida por soldados, que estavam à sua procura, e um dos homens atitou em seu olho esquerdo. Operaram-na na Inglaterra, onde passou a residir, ficando conhecida no mundo por sua luta, quando foi convidada pela ONU para discursar sobre o direito das crianças à educação e, em 2014, ganhou o prêmio Nobel da Paz.

Sintetiza-se o livro a partir da ideia de que a verve da luta feminista evoca a não restrição da liberdade devido ao gênero. Alcançou-se essa autonomia em alguns países, mas outros seguem como uma utopia, sendo que vilipêndios ainda são perpetrados em muitos países: profissões que não podem exercer; casamentos forçados de crianças; meninas circuncidadas; cárceres perpetrados em

função do ciclo menstrual; tráfico para exploração sexual; estupros, agressões; assédios etc., todavia, as autoras asseveram que se está melhor do que há 150 anos e encerram com a frase: “Devagar e sempre vamos progredindo, só precisamos ousar erguer a voz”.

Encerra-se o livro com um posfácio, escrito por Bárbara Castro, pelo eixo - “Brasileiras na luta”, estratégia importante da versão brasileira, pois visa assentar, em cinco páginas, um pouco da trajetória da luta de mulheres no Brasil, já que o livro não é nacional. Evocam-se nomes como Esperança Garcia, Rosa Egipcíaca, Maria Firmina dos Reis, Bertha Lutz e Marielle, questionando: o que essas mulheres, brasileiras, têm em comum?; uma pergunta retórica que aponta para sua resposta: não desistir da luta do feminismo. Empreende-se, em poucas e potentes páginas, um *overview* sobre a história de lutas femininas no Brasil desde o século XVIII até os movimentos feministas que ganham espaços das redes sociais, nas campanhas divulgadas por inúmeras *hashtags*. Acredita-se que o livro *Mulheres na luta* é uma obra de produção de memória necessária a uma história de silêncio sobre as mulheres, suas lutas, direitos, gênero e feminismo, assim como é assumido no posfácio, que visa também a resgatar esse protagonismo no que diz respeito ao Brasil.

Finda-se esta resenha indicando a leitura do livro como valiosa estratégia para se refletir e discutir questões relacionadas a gênero, pelo olhar feminista, no sentido de produzir debates propositivos e consistentes no que cerca as feminilidades e, até mesmo, masculinidades. Traz-se, para o campo da saúde e, mormente, para a Enfermagem, pela obra, um tema (discutido ainda de modo incipiente) de maneira imagética, engenhosa e acessível. Pode-se, considerando ser um campo das relações humanas em suas individualidades e coletividades, o *Mulheres na luta* contribuir significativamente na formação profissional em todo nível e, inclusive, na perspectiva pessoal e humanística - aspectos caros e necessários para o desenvolvimento do cuidar.

CONTRIBUIÇÕES

Todos os autores contribuíram igualmente na concepção do projeto de pesquisa, coleta, análise e discussão dos dados, bem como na redação e revisão crítica do conteúdo com contribuição intelectual, e, na aprovação da versão final do estudo.

CONFLITO DE INTERESSES

Nada a declarar.

REFERÊNCIA

Breen M, Jordahl J. Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade. São Paulo: Editora SCHWARCZ; 2019.

Correspondência

Paulo Alexandre de Souza São-Bento
E-mail: saobento@iff.fiocruz.br

Submissão: 04/12/2019

Aceito: 26/03/2020

Copyright© 2019 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.

 Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.